

Márcio de Lima Dantas

Metáfrase
poemas

EDUFRN
Natal, 1999

Copyright 1999 by Márcio de Lima Dantas
Criação e arte da capa: Afonso Martins
Revisão: Jomar Rêgo

Editora da UFRN
Campus Universitário, BR- 101, s/n, Lagoa Nova
59072 - 970 - Natal - RN
Fone/fax: (084) 215-3206
(084) 215-3236

1999
Impresso no Brasil

**À memória de
Tia Maria, tia Tiva e tio Midas**

OFERTÓRIO

**Para
Francine, Michel, Elisa
Anne, Eric
Emmanuel, Christelle
Yoann, Kit-Man, Kazmir
William, Lyon
Ali Lounes, Dounia,
Philippe, Leila e Jane,
amigos encontrados em França**

**E para
Chica, festejando nossos
vinte anos de amizade**

SÃO JERÔNIMO

Em viver na companhia do livro,
compreendendo que do linear
também evola-se um sentido, não
para a vida, mas para o tempo,

não é dizer de uma incompatibilidade
com o que nos foi dado sem escolha?

E podemos chamar de voluntária,
uma coisa que nos alimentará por
toda a vida sem que a ferida que
demanda, não seja por nós construída,

mas outorgada no momento em que
gritamos à luz pela primeira vez?

**RETRATO DE MURILO MENDES NA PG 4 DAS
OBRAS COMPLETAS**

Boni de sui diffusi
Santo Agostinho

O substantivo modelou a carne em ângulos retos.
O feitio não esperou o ritmo natural do tempo,
a impaciência das formas era tamanha que os retratos
antigos já portavam nos olhos o fulgor
do incurável luto, magma inesgotável, aflorando
naturalmente de dentro, misturando-se
aos vento, às águas, às argilas, ao próprio fogo,
consubstanciando-se em múltiplas gramáticas poéticas,
consoante a temperatura e o elemento momentâneo.

A vida ordinária deixou de repetir sua mecânica, substituída
que foi pelo olhar transformador de tudo em linguagem,
extraindo a fonética das sílabas juntas, soldando palavras,
soletrando no ar metáforas surrealistas mais apropriadas
ao devaneio, à um mundo de variegadas sintaxes,
convergências de imagens, sentidos, ritmos,
para finalmente jejuar do mundo num silêncio que apenas o
continha, despido de tudo o que provou ou foi.

E nem mulher, solar mobiliado com obras de arte,
amigos verdadeiros, fé num Deus omnipresente,
nem muito menos percorrer o *orbis terrarum*,
preencheria tão grande ausência, chaga de nascença,
aumentada pela leitura de poesia.

Em ti havia o que Baudelaire chamou de
une sorte de plaisir mystérieux et aristocratique.
Urdidura de sentidos, culturas e interesses,
que não poderia manar, mais na frente, outra coisa senão
o texto feito de uma diretividade tal fazendo
pensar em preces, oráculos, promessas, vidências.

E só na sua poesia o requinte de Deus foi revelado,
retelhaste a morada do Pai, uniste o homem ao cosmos
por meio das formas poéticas.

O permanente sorriso de resignação e aceite de tudo
que vier do destino ou da providência
de há muito havia cumprido o luto antecipado,
sombra indelével, inscrita na cabeça curvada
em direção à terra, nunca desejada levar de vencida,
sustentadora do estar em pé no mundo,
vigiando sossegado, no silêncio, o chegar da morte.

SOLILÓQUIO DO FALSO DRUMMOND

Por incapacidade e por ausência
de manejar artificios,
é que, na poesia, permaneci.
Não que o mundo não me interessasse.
Seus amores, suas conversas,
suas possibilidades romanescas,
me diretamente diziam respeito. Eram eu.

Só que suas arestas de luz tisonavam meus olhos,
roubavam partes inteiras de mim,
derrubavam pedras lentamente justapostas.
Quando me olhava, não me reconhecia.
Tinha vergonha da covardia de ser-me,
de abrir-me mão, de abandonar-me
ao acaso de situações mundanas
(sim, até vulgares, eis a palavra).

Decidi-me pelo talhe longilíneo.
Registrei-me em cartório,
declarei perdas,
assinei testamentos
em meio à balburdia que recusava.
Campeei, sob chusmas de palavras contrárias.

(num dia de chuva, mentalmente esbocei um
bilhete de suicida e meu epitáfio)

Da vida, a alternativa de um amor maduro.
Um punhado de amigos (contados nos da mão
esquerda),
um tanto de desafetos: altas vozes em viezes,
flores literárias de insosso perfume, hierarquias
engraçadas e invertidas, enfim, o que o humano
não permite à literatura chegar-se.

Contudo, restei assim mesmo.
Imposto eu ao mundo: transcendí,
não em fatos completos,
mas em incompletos antes.

PELEJA INTERIOR DE VIRGULINO FERREIRA

Quando dei acordo de mim,
encontrei-me quase pelo meio.
Restava qualquer coisa de
pedra informe, mareada.

Não quis ao passado circuns-
crever um olhar, era como
se tivesse me atraído no
presente, era como se houvesse

havido uma promessa à vida.
Como me trair no presente se
a poeira acumulada formara
estranha máscara de expectativas?

A penitência era parte de mim,
descascada, pedra de ponta,
lisa como faca quarando ao sol,
como cristais de sal novo ao fogo.

Não movi uma palha sequer,
para alterar ou demover a teia
que o sol tenazmente me deu,
(me apeteceu com sombras da

vingança vigorando nuns dias e
noutros não? Ora, o porvir é queijo
de qualho envelhecido, virgem, sobre
a mesa: branco, intacto, casca dura).

O BRILHANTE DE JESUÍNO

O romanesco era um cavalo
de fartas ancas e crinas
empoeiradas, galopando
os dias, os obrigatórios sóis.

Cada passo era um legítimo.
O olhar não se turvava
perante vicissitudes, perante
perdas, casas de purgas.

Lapidava a cada carreira,
um pequeno brilhante de
ponta tão fina, que pôde
escrever seu nome na história.

DESAFIO ENTRE O MEDO E A CORAGEM

É o medo porque me
proclamo em palavra,
embora uma matéria
fronteira ao ódio.

*Coragem, mais que bravura,
ou atos de heroísmo,
digo-me firme constância
com interjeições às costas.*

Um comparado ao não
viver presentes, a fazer
dos passados neblinas
sinuosas nos futuros.

*Se disse interjeição,
como homem frágil
diante do espelho
empurrando a si próprio.*

Ainda que, se o tenha
como parte, nuança-se
em brutas formas semelhante
outros, disfarçando-se.

*E digo resolução diante
de uma perda, de três purgas.
Só o se mostrar intacto
pronto para novo embate, já é.*

Falo do medo do outro,
o comum, que a tudo
adorna com os atavios
da irascível solidão.

*Também gentes adoram
plantar sombrias flores
de fracassos nos umbrais
dos primeiros olhares...*

Ou o medo ancestral,
de que não trato, posto
que os desconhecedores da
história mesmo assim o tem.

*Porque este vigora não
só nas platibandas, mas
nos cortinados interiores
e todos o sabem, tácitos.*

Findo com o medo
de, ao me por em signos,
fragmentos de contornos
escorrerem pelas ruas.

*De toda maneira se tem
um corpo, que como um
copo de vidro transparente,
não perde sua periferia.*

**O VULGAR DE UMA HISTÓRIA
OU O AMOR É ASSIM MESMO**

Tomás Antônio Gonzaga
imortalizou em versos sua amada,
Dorotéia de Seixas, cognominada por ele
Marília de Dirceu.

Depois, envolveu-se na Inconfidência Mineira.

Exilado, na África, em Moçambique,
casou-se com uma rica senhora portuguesa,
Juliana de Mascarenhas,
teve dois filhos e veio a morrer com 65 anos,
sem jamais retornar ao Brasil.

REPARANDO O POETA BRUNO TOLENTINO

A meu ver, sempre que um homem jaz
diante de si mesmo clamando o orgulho,
dizendo-se de sua opulência, não faz mais
do que adiantar a areia da ampulheta. Um

poeta não é um mercador de feira, nem
muito menos um mascate revendendo no
varejo o tecido brilhante e colorido
presenteado pelas musas a alguns.

É no entanto muito fácil o pitaco
de quem já nasce sendo, de quem não
precisou poupar o suor para economizar

a água do corpo, ou ainda de quem
se atrela à velha nossa tradição
intelectual: retórica de *stile-genre*.

RELENDO ORIDES FONTELA

I

No jardim, as rosas
sangram seu perfume:
mênstruo da noite.

II

A impaciência das rosas
no noturno canteiro
aguarda o dia.

PÁGINAS DO DIÁRIO DE ANA CRISTINA CÉSAR

Pg. 27

À tarde,
não me sentindo bem
(provavelmente alguma coisa mal digerida),
tomei só metade do comprimido.
Deitei-me no canapé,
acreditando que o fato
de repousar um pouco, significaria
a redenção pelo menos momentânea,
dessa coisa que não conseguia dar nome.

Pg. 72

O dia foi uma noite só.
Acendi todas as luzes e o aquecedor.
Caminhei um pouco no *studio* depois de falar
com você.
Perguntava-me sobre a indecisão que o outro
me imputa, que o outro
me confunde com suas defensivas, que você
não entendera as entrelinhas,
e mais uma longa carta que mais parece um
misto de simulação e sinceridade
(você pensa que me engana).

Então não me permiti chorar como queria.
Preferi deixar a louça suja do jantar para lavar
amanhã.

**OUVINDO *MARCHA DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS*
COM NARA LEÃO**

Sempre que houver essa tristeza
impressa na contextura de uma voz,
a morte terá plantado um arcano,
a morte será sutil fio de metal escondido,
amolando-se a cada dia,
E quando afiado, sera corda bamba,
equilibrando o que de demandas possa haver.

É aí, que os índices de uma vida breve
ancoram. Cais natimorto capaz de acomodar
qualquer experiência pelo cômodo viés
de quem em mansuetude, a pouco e pouco,
organizará matéria decomposta.

Nem sempre é fácil descobrir.
Só podemos atinar de uma voz em timbre
de agudeza atestar a alma agredida. Só.

**LENDO O CAPÍTULO X DE *REPOUSO*
DE CORNÉLIO PENA**

Para Juremir Machado

Somos assim de uma natureza tão parecida
que as páginas dos livros nos decifram
numa compreensão dos eventos
que aconteceram de mesmo mesmo,
ou melhor,
nos projetamos nessas frases de cadenciada
melancolia para extrair confortos?

E se é por uma questão de narrativas
que organizam nossos próprios
segredos, que muitas vezes desconhecemos,
então por que ao próximo não ditamos
as sílabas para soletrar?

A escolha do que é mineral,
parece ser o gesto do medo tateando sombras,
a segurança de lidar com o inorgânico,
a autoridade sobre o objeto que jamais gritará.

Pode ser também que Murilo Mendes tenha
razão, quando prefere Platão a Aristóteles.
Sendo assim, do livro emanariam semânticas
apostas ao vivido, ao nem imaginado,
e se assim o é, ó formas, então somos o quê?

CLARICE LISPECTOR NO GRANDE HOTEL, 25.07.44

O catre não comporta
meu corpo. Estendo-me
sobre brancos lençóis
que servem de pano-

de-fundo para as sombras
ermas que amanho
cotidianamente na minha
alma transida de vésperas.

Repouso os músculos
lassos, esperando
novos ardis que cogito
para mim mesma.

Da solução certa,
o aguardo na escritura
(passando-me o tempo):
timbre da morte que

secretamente resguardei
como trunfo perante
a vida que logrei viver
em cada personagem.

MEMÓRIAS APÓCRIFAS DE ZILA MAMEDE

O certo é que a todos enganei,
com a exatidão do labor,
com a permanência em expedientes
de paixões que brotavam não de mim,

mas do objeto, de suas demandas.

Nada premeditei. Alma do interior,
cerrada e pura, dei âmbito ao que
toquei em empreitadas para
retirar o suor firme que me

outorgasse um bom sono.

O desvio da atenção lá de cima,
em nada separou o querer bem,
os liames em cordas trançadas
de boa fibra doméstica que

palmeiras, currais, natais, cimentaram.

Sei que a dívida eu paguei
com dádivas de mim em solidões,
encharcando-me de dúvidas,
recaídas, escaladas em silêncios

sob o olhar cúmplice da minha irmã.

Porém, espaços de mim quedaram-se
intactos como nasceram. Venci
a possibilidade, queimei o germe,
desviei o curso do riacho. Cantei

foras, folgando precisas verônicas.

Não havia como aguardar certas
plantas que seriam metonímias
de mim. As flores excederiam
seus âmbitos de contemplação

do outro, pelo outro, para outrem.

Enfim, balanço-me em redes
de brancas varandas, contemplando
o encontro do rio com o mar.
Cumprí-me, e me orgulho

de não me ter sido o que era.

O HORTO DA POETA

*mas para el alma desolada y huérfana
no hay estacion risueña propicia*

Rosalía de Castro

Não, não, eu jamais suportaria
tais vicissitudes, se não tivesse
me enamorado do verso, se
de mim esse pacto doentio

que fiz com a obrigatória
proximidade da minha jovem
morte, não fosse adjutório
para a permanente queda

em que me enredei, em que
me construí como personagem,
de antemão fracassado - sequer
possibilidades de glórias *post-mortem*.

E agonizando aqui, quebrando
as rochas do parnaso com
brisas prosaicas de fim de tarde,
com esmolas de poetas distantes,

permaneço neste Horto, escandindo
decassílabos, consultando dicionários
de rimas, circunscrita a um lugar
aqui no interior, amarrada a um tempo.

A TERCEIRA GUERRA DE PAULO DE TARSO

Da segunda, repontarei
em versos de medida
história, do factual
aprisionado pela poesia.

Da primeira, lembrarei
dos livros do ginásio de
grossas capas narrando
os vates nas trincheiras.

Da terceira, narrarei
como a um segredo de que
não participo: surdo combate
domando a cada dia a disposição

de uma contextura que, além
de mim, vigorava sentinela.

**O POETA FRANCISCO IVAN SOBE A PÉ
A SERRA DO LIMA**

*Não pertenci a nada em parte alguma.
Nunca estive à vontade. Andei por...*

Bruno Tolentino

Os passos dessa empreitada
ainda os guardo como ex-votos,
identifico suas impressões nas ranhuras dos
meus pés, uma a uma, foram retidas
em sua signância analógica,
para que não os renegasse,
para que sobrevivessem e
viesses a tomar forma dizendo de mim mais
do que sempre degustara nas sílabas em que me fortifico.

NOTAS DO CADERNO DE CAMPO DE JOAQUIM CARDOSO

§§§

° *E quanto me custa gerenciar seus sentimentos. A oscilação dos dias que não se dobram à disciplina, à ordem, ansiosamente, demandada pelos trabalhos de um meio de vida, da responsabilidade em se ter um ofício que, no fundo, é o que outorga a autoridade de se afirmar um caráter. Atingir o apolíneo com sua clave de pés juntos e continência para além da reflexão das mãos e dos pés. Ah, quem dera aderir totalmente a luz com sua magnificência de mãos que erguem pedras, braços armados com escudos voltados contra os desejos da carne, contra o ócio impregnado do espírito da masturbação, que tanto me desassossega.*

§ § §

° *Calculando este cimento, quantidades de material anônimo, não me permitindo a projeção como os amigos que, com certeza, terão seus nomes gravados nas enciclopédias, fico mendigando o apoio das musas nas horas vagas sob a tenda de campanha. Bate-me sempre este sol, o sol do sempre nordeste intensificando as cores dos frutos nos balaios das feiras populares. Acaso, serei apenas mais um engenheiro que apenas calculara a quantidade de ferro que dará sustentação às platibandas, aos vergados arcos, às escadas em espiral de monumentais palácios?*

§ § §

° *Refrata uma interpretação subordinada unicamente à semântica, na medida em que o sentido também é construído durante o ato de leitura, apelando, simultaneamente, para o olhar e para o ouvido. Nesse sentido, o texto vai se organizar numa instância que tenha o significante impresso no papel (a mancha negra no espaço em branco) como lastro para a configuração dos eventuais sentidos.*

SAPHO DE LESBOS: VARIAÇÕES

1. Exercícios espirituais

I

Ao entardecer, retirarei
minha tiara de ouro e
anunciarei meu corpo
somente para os Deuses.

II

Cada tinir da lira
será como canto secreto
aos Deuses. Tristeza de verdade
jamais habitará minha casa.

2. Tomadas

Passeios arqueológicos
O passado apenas
como substância dúctil
para meus cantos.

O guerreiro covarde
Se te apraz meu canto,
combate primeiro, só
então os louros das
musas terás como dádivas.

A fita bordada
Pelo avesso, um emaranhado
de fios coloridos.
Pelo direito, a sinceridade
do teu olhar.

O bosque das macieiras

Sob às arvores, beberei
da pura água do córrego:
minha alma lavada do luto.

Nostalgia

Signo incerto,
que a tua vida anuncia. Pranteio
aos Deuses: fostes minha amiga.

À sombra do plátano

Não mais riscarei teu
tronco com letras trêmulas
em homenagem à eros.

A canção das cigarras

Zinem nessa clara manhã.
A gratuidade do canto
nos torna irmãs.

A maçã no mais alto ramo

Do alto me contemplas.
Em inverso, diviso num golpe
do olhar o alcance do possível.

Um retrato do poeta

O vivido é uma fosca cor
a mais no brilho natural
dos olhos.

Uma linda menina colhendo flores

E não tardará o dia em que
seu branco vestido tomará o
encanardo das rosas bravas do campo.

OS CENTAUROS

1. Primavera

Os centauros não tardam a chegar,
mesmo que o lúdico grasse pelo jardim.
Logo mais desembarcarão precoces,
para definitivamente se instalar.

2. Verão

Logo que os corpos descansam do
trabalho, os centauros despertam
todos os sentidos e quase que nos
obrigam à permanente festa.

3. Outono

O discernimento não traz a anulação
das encruzilhadas. A maturidade é
mais do lado do tempo que do espaço.
Os centauros riem com ironia.

4. Inverno

Para alguns, o alívio, para outros,
a obrigação de cozinhar de vez
em quando. Os centauros, vigilantes,
transcendem corpo e espírito.

FERNANDO PESSOA AOS QUARENTA ANOS

Como poderia eu saber que o personagem
cingido no meu corpo me inviabilizaria
como pessoa, se os outros reconheceriam
não eu, mas uma espécie de ameaça,
um eterna intimidação impossível de contratos
tácitos como todos fazem.

A verdade é que entrando por qualquer porta o resultado seria
o mesmo. As águas seriam do mesmo baldeadas.

Assim tão miserável, eu, obrigado a não
me ser, teimando em me provar um outro
face ao mundo, e quando me sou em claros dentes
é que sucumbo ridículo, preferindo sempre a segurança
da máscara desgastada e que me fere o rosto.

Quem me dera poder renunciar, agora
já tão tarde neste mais do que meio caminho,
arrastando este que não sou eu,
este difícil, dito pelas palavras nos umbrais
onde sequer me permitem pôr os pés livremente,
estando sempre obrigado a permanecer com a porta fechada.

SÃO JOÃO DA CRUZ

Se tu és meu esposo, deita-te
comigo, sou tua mulher, eis-me
grata por tua presença. Faça-se
comigo segundo tua vontade,

pois que não te mereço. Sou toda
de impura fragilidade. Sou sem
vésperas e habito sempre o porvir,
enquanto o presente se esvai em

dores. Acaso mereço tais dores?
Não me proponho essa pergunta.
Eu sofro como alma quebrantada,
em sina de longa espera por teu corpo.

Venha, meu amado, concretize no
meu corpo, as linhas do meu espírito.

PENSIÓN SALOMÉ

*Habitaciones con baños y calefacción
Precios económicos*

O que resguarda a aparência de um nome?

A Pensão Salomé, na *Calle Del Pez*, 40 - 2º Izqda, Madrid,
no centro da cidade,
nos enche de expectativas, com seus fonemas evocando
uma cabeça decepada, um poeta no exílio, em Paris,
uma velha cafetina com máscara de pó-de-arroz,
uma dançarina em trajes orientais,
uma tela de Rembrandt.

Na verdade, não passa de uma casa,
assim como se tivesse, de repente, vindo a ser um hotel.
Então podemos reconhecer todos os cômodos de uma
residência espanhola.

A sala de estar com suas paisagens de Castilha,
reproduções de Goya,
e o conjunto de cadeiras de madeira rústica, altas,
com suas pequenas toalhas brancas de crochê.

Dois longos corredores onde estão os antigos
quartos de dormir que agora são quartos-de-hóspedes.
Os banheiros limpos recendem a eucalipto
com suas pequenas janelas de cortinas artesanais
(as janelas vizinhas sempre estão cerradas).

É necessário partilhar os quartos com dois ou três,
estranhos agora irmãos,
dividindo o mesmo guarda-roupa, a mesma pia
com seus três copos e três escovas de dente.

De uma casa normal, só uma coisa refoge
ao seu arranjo doméstico e necessário de signos:
a proprietária, bem-casada e com dois filhos,
se chama *Doña Eva*.

DE MADRI A SEVILHA

O trem avança na terra seca de Castilha, ladeado de oliveiras. O ocre do solo se confunde com o sol atrás das colinas onduladas. Homens jogam cartas. A freira do lado cochila. Uma adolescente ri, concentrada na leitura. Não sei se os trilhos me distanciam de mim ou me conduzem à encontros que me darão novos recuos. Onde ficou aquele que houvera pensado que meus atos diziam de mim?

A CATEDRAL DE SEVILHA

Erguida no mesmo lugar de um templo romano e de uma mesquita, sua arquitetura não obteve vitória sobre os dois lugares sagrados anteriores.

Contrariando o gótico, permaneceu horizontal, talvez expressando a natureza profana e terrena da mentalidade do seu povo, ancorada no mundano das festas.

**SAETA PARA N. Sra. DE LA ESPERANZA
(MACARENA)**

Direi virgem barroca
com seus excessos de
atavios: ouro e prata
para nominar o sagrado.

Diamantes que escorrem,
pranto luxuoso, nenhum
sentimento acompanha
tão memoráveis enfeites.

Direi virgem mais ainda
profana que qualquer
prostituta do meio da rua:
imagem fruto de adornos.

Senhora dona-de-casa,
passeias pelas ruas em
trajes domingueiros, para
nos fazer esquecer misérias

alheias, e também as nossas.
Permanecerei cantando, pois
sei de uma cumplicidade
escondida que guarda por nós.

SÃO MIGUEL DA IGREJA DO JULGAMENTO

O santo assustado que
é São Miguel da Igreja
do Julgamento diz da
fraqueza do divino.

De olhar tão humano,
nos corrompe para a vida,
nos anuncia a beleza
obrigatória do profano.

Onde o divino que não
quis ordenar as mãos
do artesão, reafirmando
a vitória do sagrado

que o barroco sempre
sangra em seu movimento
de paixões incontidas?
Parece muito mais ter

medo da responsabilidade
que existe em ser anjo, em
representar o sagrado. Daí,
precisar de tantos pequenos

anjos que o acompanhem,
como pai de origem rural
que pensa estar seguro junto
aos infantes de sua vasta prole.

ELEGIA PARA GRANADA

Três luas de vinho tinto brilharam
na noite de Granada, como três
degredos renovados em absoluta
franquia de solidões desassossegadas.

AS ESTÁTUAS JACENTES DOS REIS CATÓLICOS

O sono branco do mármore
parece intensificar o inútil que é a eternidade.
Nenhum trará um remo, um punhado de terra,
sequer cadeira com estofa e brasão em relevo.
Hierático papel assinado em exímia caligrafia.

O tempo só pode ser mensurado pelos vivos.
E, mesmo assim, com a sentinela caleidoscópica
de cada olhar.

Os mortos não podem dizer de si,
falam dos outros, daqueles que os querem escutar,
ou dos covardes que os querem obedecer.

O transcendente dura pouco quando comparado
às idades que ficaram para trás:
restos de uma antiga pirâmide,
bustos de mármore sem braços,
fragmentos de poemas,
narrativas sem fronteiras entre mito e história.

Resta a verticalidade quase sempre gótica
dos corpos obrigatórios em sua posição
de sepultura. Os nomes se exaurem,
esquecer é artifício contrário à dor,
redenção ilusória que nos impomos.

OS DESENHOS DE LORCA

A linha curva serpenteia entre as cores,
para nunca encontrar ângulos retos.

A serpes ondeia, não querendo conformar
a exatidão do masculino, para não
escutar ou querer obedecer à razão, com
seus cabedais plenos de dedos de sóis,
que a ordem guarda no trunfo da tradição.

Mesmo sabendo muito bem que a ordem
é aliada incondicional do destino,
o poeta escolhe a geometria adequada
à sua alma tortuosa: luas, meias-luas,
arcos moçárabes, leques, nardos, bocas.

Os poemas, em caminhos sinuosos,
permaneceram impressos na pauta da eternidade,
(que almas andróginas decifrem onde
cada palavra possa conformar um L),
pois os riscos e as cores só faziam repetir
os ritmos das entrelinhas.

A linha curva disse da paciência feminina do futuro.
O poeta adivinhou que a macha razão não venceria.

OS MANUSCRITOS DE GARCIA LORCA

1. Escrever com lápis grafite,
é o que pede a escritura.
Fazer e refazer, tendo
a possibilidade de apagar.

O carvão se adapta melhor
para os esboços, para os
poemas que esperam serem
terminados no mesmo dia

ou na mesma vida, sem,
contudo, atingir a forma
definitiva, daí a invenção
do que se chama de *lírico*.

2. Riscos precários, desfeitos
com a luta interminável
de uma forma que existe
na cabeça do poeta como

quem sai para comprar
roupa feita e pensa
encontrar a exatidão
da forma que tem na cabeça.

Ou, ainda, como cartas
feitas e refeitas no pensamento -
exercício imposto pela solidão -,
nunca enviadas ao destinatário.

OUTONO EM CÓRDOBA

Ninguém poderia compreender Córdoba
sem caminhar, aleatoriamente, numa noite de outono,
por suas ruas desertas e sem esquinas.

O cheiro forte dos crisântemos lacra as portas,
intensifica o sono de quem dorme,
conforma um silêncio que nada tem da expectativa,
que normalmente, o silêncio resguarda nas
linhas das suas fronteiras.

E porque não há o ladrar de cães,
também, não podemos evocar um homem que sofre de
insônia,
uma mulher que cuida de um filho doente,
um escritor que procura encerrar um capítulo,
um estudante debruçado sobre os livros, para o exame de
amanhã.

O que há, é uma solidez do relógio na cal das fachadas,
assim como algo que tomou uma forma definitiva,
numa perfeita mistura de tempo e espaço:
conluio adúltero sem filhos naturais.

NOTÍCIAS DE ALGECIRAS

Não a cidade, mas o porto e sua passagem
é o que depõe o sítio,
o que fala,
o que apresenta
para quem procura a assinatura da cidade.

Nenhum lugar cristaliza melhor esse espírito
melancólico dos povos mediterrâneos.
Que nostalgia nos chega,
ao ouvir a desafinada alegria
dos *Pastores de San Isidro*
cantando a chegada de um menino-deus,
(nunca compreendi por que se comemora
tão benfazeja dádiva com tanta tristeza).

Algeciras é um pouso, uma passagem,
Seus habitantes, na festa de Todos os Santos,
(impossível outro padroeiro; tinha que ser algo
genérico, impalpável, abstrato),
andam em torno do mercado (circular),
se confundem com os que tardam pouco tempo:
não vão para lugar nenhum.
Apenas compram os frutos secos:
tâmaras, ameixas, figos, amêndoas,
vindos do outro lado do mediterrâneo.

APÓCRIFO DE MIGUEL DE UNAMUNO

Para Yousseuf

Em todos os lugares onde estive,
a Vós outorguei um tempo, para que vos revelásseis a mim,
para que um abstrato nome se inscrevesse na minha memória,
para que esculpisse no meu coração um desvio de uma
artéria.

E tudo foi inútil,
porque permanecíeis ignoto e não me dáveis o sentimento
forte de vossa presença.
Não quisestes nem dar-me uma pista, para que eu seguisse
(embora sabendo muito bem que por temperamento eu me
contentaria com a pouca luz
que porventura adviesse de um signo do sagrado).

Traístes-me em vossa covardia e injustiça como um
Deus cansado.

Por quê?

Por que sabíeis que vos adoraria com fé sincera,
intelectual, e não ingênua ou cega como tanto gostais?
Porque, para mim, não era possível ter-vos
no meu sangue sem compreender vossa essência,
sem refletir sobre vossos desígnios,
sem ter a possibilidade de chamar-vos:
matéria, energia, substância.

Eu não tenho culpa de não vos ter reconhecido na vereda por onde andam todos.

Caminho costumeiro de cordeiros que nada refletem sobre a possibilidade das ramas das cercas produzirem mais do que o verde comestível;
(serem capazes de rebentar em flores a cada renovação da primavera, por exemplo).

Eu não tenho culpa, porque no primeiro terço da minha vida, já tive de beber os muitos cálices amargos que estavam para além das minhas forças suportáveis.

E para isso tive que tecer quantas máscaras que não me apeteciam - muitas vezes confundi papéis, embaralhei nomes, esqueci o dito no dia anterior. Contradições que só o outro errando do mesmo jeito, poderia deixar passar impune.

(para ser humano era preciso ser forte:
pelejar com os outros muitas vezes
pelo prazer de lutar: juro-vos que isso nunca me disse respeito, e
vós sabeis muito bem disso)

Por vossa culpa, minha fortaleza ergue-se só depois de atacado.
Ela não existe no meu corpo.
Meu corpo não é o meu espírito.
Minha forma não constitui meu conteúdo.
Vivi, sim, na véspera, quando tecia a fantasia.
Vivi, não, depois que o evento quedou-se intacto na minha presença,
para que eu vos distorcesse na minha memória,
para que eu mesmo comprovasse que uma parte da reminiscência não passava de puro acréscimo

de uma imaginação emanada da fonte inesgotável que é a
negação do sofrer:
crias inglórias de uma natureza frágil.
Flores de papel de uma cabeça corruptível,
covardia de quem não se sente capaz de enfrentar os outros
no mesmo pé de igualdade,
quer dizer,
com os mesmos elementos em estado humano:
água suja/fogo de coivara/ar tisonado/argila de pântano.

Oh, Deus, por que me escolheste para não vos conhecer,
para não ter acesso à chama do sagrado?
Meus olhos dizem de ternura.
Vossas metáforas sangram do meu corpo,
conheço o valor de cada palavra por meus sentidos e por
minha carne mesma.
Porta aberta, casa de ouro, torre de marfim, arca da aliança,
palma de paciência, sarça da visão, horto de deleites.
Das matinas às completas meus sentidos estavam acesos
e meu intelecto capaz de compreender o funcionamento
interno de cada imagem advinda
de vós ou dos que vos diziam respeito
(eu sei que mesmo vos conhecendo não vos obedeceria
incondicionalmente; sei muito bem
que minha língua, muitas vezes, assemelha-se à espada
flamejante na mão direita de Miguel, e não para vos
defender; porque já me custa muito me defender, já me pesa).
Porque só tenho de me defender,
mais justo é atacar, mais natural, mais seguro.

Oh Vós, que posso até chamar-vos de Altíssimo (se
desejardes)
por que não me deixais em paz,
por que não me esqueceis em seu infinito poder de auto-
suficiência?
Vós não precisais de mim, nem do meu sofrimento,
pois sabeis muito bem que todo sofrimento é inútil,
que os dissabores quase nunca são cristalizados em grãos de
sabedoria. Flâmulas ao vento sem a dignidade de um brasão
que lhe outorgue reconhecimento.
(E quando o são, constituem-se invenções interiores: pura
mentira que os fogos-fátuos do cotidiano destroem vorazes)
E mesmo a sabedoria vale muito pouco hoje em dia.
E que o tempo passa, Senhor, e logo estarei morto sem poder
juntar-me a Vós nem aos meus, pois não me quisestes.

Dessa maneira, rejeitando-me, para onde irei, Meu Deus?

CONTEMPLAÇÃO DE FEZ

Para Matias

A cidade emerge sólida do chão em suas linhas
firmes e retas.
Quando vista de suas colinas,
mais parece tijolos de terra crua, justapostos.

O traço que configura cada casa
é como se fosse material arqueológico
espanado de seus sedimentos,
forma anterior que existia submersa.
O supremo do risco quadrático
é uma gênese que já emana ordenada,
matéria em sua forma
definitiva e funcional.

(Mondrian talvez avalizasse
pintar uma ou outra fachada
de vermelho ou azul, apenas
para indiciar o humano).

A cidade de Fez não precisou
de nenhum deus para nascer:
germinou de uma anterioridade
que ansiava consubstanciar-se.

Não necessitou, tampouco, da mão de nenhum
homem para erguer-se da areia:
o vento, a chuva, a argila,
fundiram-se num mesmo amálgama,
originando esse espaço de poeira que
se parece mais com a idéia de tempo
do que com a de lugar.

CHUVA DE OUTONO EM FEZ

A chuva diz de sua presença,
apenas pelo molhado escuro das calçadas.
Não cai do céu.
É uma chuva horizontal,
que de baixo para cima vem,
com aquele forte cheiro de pedras quentes e úmidas.

As árvores, em copas cerradas, abrigam os transeuntes:
que por um tempo, param para tomar
o chá amargo, mentolado,
como se estivessem sob tendas no deserto.

A chuva pretexta uma pausa
na errância interminável dos homens,
pelas ruas.

OUVINDO *AL ATLAL* COM OUM KALSOUM

*El tiempo pasó sobre el sueño
hundido hasta los cabellos,
ayer y mañana comen
oscuras flores de duelo*

Garcia Lorca cantado por Camaron de La Isla

Para quando o amor é tamanho cárcere,
ao prisioneiro só resta o campo do ódio:
cultivo paciente de esquisita seara de
flores que brotarão nos subterrâneos.

Mesmo permanecendo no umbral,
sorrindo com suas algemas, aguardando
a seiva construir o invisível perfume da ira,
sintaxe de paciente re-pintura do já esmaecido,

o prisioneiro fana ao mesmo tempo o bem
litúrgico, outrora nascido em canteiros aguados
com águas turvas, morada provisória,
desespero de naufrago alcançando primeira haste.

Assim o que se pensava proprietário,
contempla as Ruínas, funde-se na sua
solidão, ampulheta quebrada, irremediável,
procurando ao redor o próximo com que

possa exprimir sua peguenta doença do Amor.

NUM TÁXI ENTRE FEZ E RABAT

O silêncio, talvez, fosse pela obrigação de nós, viajantes, estarmos juntos nessa tentativa de abreviar o tempo entre as duas cidades.

Como o humano congrega assim seus interesses para estar juntos?

Só assim nos unimos, apertados em um velho automóvel, esses homens, essa mulher sem rosto com seu *shadot*?

A possibilidade de nos abrigarmos sob o mesmo madeirame é só resultado das intempéries?

(Chovia.

No rádio, o imã amaldiçoava os infiéis.)

TRÍPTICO DE SANTE-GENEVIÈVE

I.

Construir uma igreja de pedra e
sacralizar com o ardor das suas mãos
respingadas de palavras divinas.

Construir a solidez de um edifício
abstrato: um discurso em que a fé fosse
uma tatuagem nítida em cada evento.

Construir o concreto, para que, firme,
o abstrato na alameda do tempo
caminhasse para qualquer eternidade.

Construir o abstrato para que se
consubstanciasse em signos acesos de
exata e concreta luz a realidade.

Construir, para que a palavra venha
a ser não o fôlego primevo soprado,
mas entranhas de um corpo vivo.

II.

A mão sobre o livro
como cúmplice, negando a solidão.

A mão sobre o livro,
não como ameaça de
fogos, dores ou perdições.

A mão sobre o livro,
para demonstrar o contraponto
das coisas empíricas não saciáveis.

III.

A paisagem é sempre uma empresa.
Igreja em construção, estela evocatória de um
morto, uma muralha para separar, uma ponte
para unir, frutos para atenuar uma fome.
Não é o conhecimento que edifica.
Fazer é lenta negação, vitória possível sobre
a morte, halo invisível recolhendo migalhas
de uma eternidade inútil, aprisionada
em ampulheta, desde muito, plena.
Engano dos morituros plenos de vaidades.

FONTAINE SAINT MICHEL

O anjo tisonado pelo
negro do tempo finda
o embate.

A vitória campeia
vertical sobre o plano
horizontal.

(«Do alto, eis que advém,
para, rente à terra,
devolver-vos »).

A espada é uma sarça
queimando o malenigma
com o fogo do pai.

São Miguel altivo
indica/ameaça o exemplo
do próximo.

Alguém se propõe
a novo testemunho
de rebeldia?

Enquanto isso, os esguichos
penitenciais vertem
cúmplices

da boca das duas quimeras
(ladeiam, sendo os ângulos
da encruzilhada,

mas de que lado estão,
do bem ou do mal?). As águas
escorrem, apáticas.

I. PASSAGES

Para Luiz Carlos

No limiar de cada perfil,
que se permite a calma ou a tempestade
diante do outro, luz natural anuladora
dos meios-tons, a morte perderá suas usuras,
e os homens adentrarão por atalhos,
reconciliando-se com uma comarca
perdida do paraíso.

II. OFFERING (by Ravi Shankar)

Quando soar a sétima hora,
o mistério será revelado.
Os lacres rompidos doarão
sua lúcida eternidade para
os que não estiverem adormecidos....

III. RAGAS EM MINOR SCALE (by Philip Glass)

Louvas de maneira contida,
os efêmeros deuses da alegria,
o átimo em que a vida
oferece a pequena graça
nos recantos das tantas escarpas.

E por não afugentar os deuses
com o excesso dos sons, é
que as diminutas escalas desprendem-se,
uma a uma, líquidas, pingando metais,
soprando signos adormecidos em cinzas.

(Ó brasas, revigoraí vosso calor,
tragam-me o âmbar mais aceso
para aquecer de aleluias os dias nublados!)

É mister dizer, que, mesmo assim,
não me iludirei, apenas minha alma
tomará tudo como grão de torpor,
para preencher o minuto que também
escorre sobre mim.

ADEUS, PARIS

Para Salete

Então, quase nada ficará entre os poucos amigos,
pouco deixarei dos objetos simples e cúmplices
que por tanto tempo me acompanharam
no exíguo espaço que habitei.

Tudo o que foi usado acondicionarei em caixas de papelão,
em malas pretas que chegarão do outro lado,
impregnadas ainda da fuligem do *boulevard*.
Mesmo os objetos facilmente substituíveis,
mesmo os que quase nada custaram, comprados
nas lojas *Tout à 10 francs*, serão embalados, cuidadosamente,
em jornais e sacos plásticos do *Leader Price*.

Os livros, os pequenos tambores, as rosáceas de cobre,
os estojos de copos coloridos
- lembranças de viagens -, seguirão na frente em grandes
malas de ferro
como batedores, para assegurar que lá estarei um dia,
que partes de mim já expõem suas inquietas raízes,
buscando rasgar por frestas do calçamento,
a parca terra que me será suficiente para entreter meus olhos
no sempre que já se anuncia.

As primeiras facas baratas de cabo preto,
o primeiro casal de pratos, o maior já com
uma beira quebrada e os copos inadequados ao vinho,
usados durante as pequenas festas com poucos convidados,

festas que mais pareciam suspensas
num lugar e num tempo que não eram os meus.
Eu, ali, não estava presente. Os outros também não.
Tanto é que rapidamente o evento era apagado da memória.
Não tinha o mínimo peso para sedimentar
paul, cascalhos, plumas de conversas animadas apenas
quando havia crianças presente,
desviadoras da atenção dos adultos.
Sequer um fragmento de folha de caderneta
ou quem sabe, pedaços de luz
para configurar um pequeno cristal que no futuro eu pudesse
lustrar quando das primeiras chuvas de inverno no Nordeste.

Todas as cartas recebidas,
mesmo as de pessoas que não mais tenho aproximação,
serão separadas em pequenos maços
com ligas encontradas nas ruas ou
roubadas nos birôs dos bancos.
Uma vez ou outra, quando cansado do trabalho, relia alguns
bilhetes.
Reconhecia então letras hesitantes,
medrosas do contato mais íntimo,
reticentes, denotativas na sua ânsia de evitar ambigüidades.
Outros nomes, escrevi no caderno de endereços
de forma tão apressada, mal escritos,
que nem mais consigo lê-los.

Não tem importância, nunca irei fazer uso mesmo.

O pequeno *repertoire* de páginas quadriculadas
e ordinária capa amarela com nomes
que não mais evocam ninguém, alguns escritos
em grafito anunciando já a precariedade dos laços

surgidos no restaurante comunitário,
no saguão de uma universidade
ou durante um rápido café num *bistrô*,
a pouco e pouco, amainarão seu carvão,
não vale a pena se dar ao trabalho de apagá-los.

Inútil evocar imagens poéticas para enformar
o efêmero, poderia dizer « amizades sem amanhã »,
mas durante o outono e o inverno, os dias
se arrastavam em eternos hojes anoitecidos,
antes mesmo de nascerem. Ontens amanhãs.
Para que o amanhã, se ele sempre esteve
sentado no meu colo como criança dócil?

Bendita, ó minha luz interior, desde sempre
escorrendo nas veias,
lâmpada bruxuleante; muitas vezes pensei apagada,
permaneceu intacta e companheira silente,
para que eu tateasse as ruas cinzas,
para que nos meus olhos a chama de uma luz outonal
me fizesse discernir as diversas facetas do desconhecido,
na paisagem quase sempre baça e fria,
para que eu soubesse o preciso chão onde estava caindo,
evitando me ferir excessivamente.
Permanecerá iluminando-me como luz noturna,
numa estalagem onde passam poucos viajantes,
indiciando que o passante pode bater,
tocando só o suficiente para que eu desperte,
a porta será sempre aberta.

12 de dezembro de 98

NOVA CANÇÃO DO OUTONO

*Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.
Paul Verlaine*

No outono, pelo menos,
há uma luz sem procedência,
imaginamos sua fonte
resignados em casa, quietos.

Despojando-se do verde
das árvores, a paisagem
traz grãos de pensamentos
estéreis, mesmo se aguados.

Chuvas breves, intensificando
o cinza, lavando a fumaça
das estações anteriores,
não alcançam jamais a alma.

E resta como consolo a
fria luz que, amarelada,
dando âmbito ao seco perfil
adentra pela janela, baça,

cerrando os olhos para melhor
deixar vaziar os veios da imaginação.

TRÊS VIAGENS DE RIMBAUD

Autovidente & do cosmo

Murilo Mendes

1º. De Charleville a Paris

Paris é perto de.

Chega-se de trem. E das janelas verei os longes,
os próximos quedaram-se no bocejo interminável do rural.
Não tão distante, já se vestem de maneira diferente,
os camponeses, o acento e a sintaxe encantam-me,
sugerem-me um novo uso para a linguagem, onde ela possa
percorrer os aceiros pisoteados por animais e homens.

Não vejo a hora de chegar.

Só não entendo porque esta inquietação no ir,
o que está atrás já não é passado,
ou, quem sabe, permanecerá como futuro, sempre?
quando o voltar também não me apetece.

2º. De Paris a Aden

Ainda uma palavra sobre a poesia,
então logo encerrarei esta etapa,
e falo porque não gostaria de andar por atalhos,
no meu ventre sempre coube a seiva malsã da verdade,
malgrado as tantas hemorragias.

Aluno aplicado de ti, ó musa, também habitei
no outeiro, também desvelei as metáforas petrificadas,
breando de prosas, iras, penas, o mundo delicado
dos homens de letras, assim reconciliei
o significante primevo
esquecido e exaurido que estava pelos séculos de sintaxes
sagradas. Uma coisa assim jamais poderia ser inconsciente.
A pouco e pouco via a luz crescer em mim,
como querer que fosse outra coisa senão arma branca,
como querer não repartir o brilho e a transparência?

Quanto ao mais, aqui, no limiar da África,
retiro o manto furta-cor da graça,
cinjo-me com cores mais apropriadas,
para trajetórias no deserto e na errância:
o branco e o preto de longas vestes beduínas.

3º. De Aden à Abissínia

Acaso, não é verdade que o escolhido fui eu
a mim para queimar em infortúnios este homem que
o século esta acabando de desfazer?

Percorrerei, enfim, sob esse sol que altera a pele
delicada e branca do inverno parisiense, toda
a extensão de um seco continente impossível
de justa água, quer seja suor, quer lágrimas,
quer esperma, para saciar?

Por isso não admira essa estranha aceitação
de peregrino ser, estrangeiro me passar, sempre,
e em contatos com outros homens, pouco ou nada,
alterar do voraz que habita minhas entranhas,
até que morra de uma ferida justo no lugar
que me permitia bater pernas.

NO TÚMULO DE PAUL VERLAINE

Menos do que disse o outro, eu bem sei,
a carne é triste e inútil ler todos os livros
da minha biblioteca em várias línguas,
apiedar-me de mim, então, como, se
o muro a que sou condenado é onde
apóio-me, para não cair?

Como se fosse assim, vamos dizer, desencorajado
por mim, perdedor sabido da impossível imposição
do que queria sido, e o pior disso tudo, sem muita
convicção de sê-lo. Até mesmo o fui, todos sabem.

É bom insistir que este no qual bebo
(banhado no absinto e no haxixe com o outro) até entornar
borrões sobre o papel, tem partes só de mim permitidas,
alimentado que foi por um fracasso tecido por este que ora
escreve, desdobra-se em terceiras pessoas,
arrumado em sintaxes sinuosas,
catando os timbres dos acordes das palavras,
inquirindo, mentalmente, por que minha língua,
recua diante de três sílabas pronunciando apenas uma,
sugerindo estados de alma tributários de antigas literaturas.

Mas que a posteridade também não mate sua sede
de mitificação e me pense procurando esconder-me, repito.
Fugir, sim. Fugi. De mim. Talvez para celebrar a
ausência.

CISMAS DE EZRA POUND

Pelo menos tentarei ir para a outra margem,
quando lá, botarei meus óculos de grau e ensaiarei enxergar
o lugar em que me encontro para, ao não retorcer a
sintaxe, melhor compreender o que vivi e sou.

Não é que eu faça segredo,
muito menos para mim mesmo,
nunca fui parcimonioso com a luz do espelho.
Aceitei as rugas trazidas no frio dos invernos.
Dobras dos músculos não abjurei.
Os cabelos encresperam, fios afinaram, embranqueceram.
E nos verões mais ensolarados, mirei-me
nas lâminas d'água sem constrangimento algum.
Já era uma grande vantagem ter a tepidez solar,
caminhar sob os altos plátanos nas amplas alamedas,
deitar-me nos gramados verdes aquecidos.

Longe de mim não bendizer as rumas de afirmativas,
arcanos despídos, candelabro de sete braços
permanentemente aceso no quarto,
aceitos sem nenhum pudor,
malgrado a religião dos arrabaldes.
O corpo nunca foi um problema.
Eu é que não soube direito encontrar o exato ponto
em que a alma se livra um pouco da carne e adentra
no emaranhado das palavras serventes para encantar
as pessoas em platéias desocupadas
e sedentas de preencher seu ócio.

Eu é que, malgrado todos os livros nas estantes,
permaneci inquieto, acalmando-me, cativo
das algemas dos tranquilizantes. E quando sóbrio,
as bigornas da minha alma latejavam, permitindo
apenas que as sílabas tecessem malhas,
para que eu completasse as lacunas
nos intermináveis momentos de solidão.

OS ESCRAVOS DE MICHELÂNGELO NO LOUVRE

§. escravo morrendo

e por não aceitar,
é que refugia-se no grande sono,
imerso em queda livre e lenta,
o corpo em voluntário gesto de quem
simula uma espécie de morte ao cerrar os olhos,
enquanto a mão direita e a cabeça pendente
amparam a vertigem, a sensual
alegria da liberdade de se ver isento do eito
implacável que os sentidos obrigam,
tirania inútil repousada sempre sobre caligrafias
ininteligíveis, quando soletradas no futuro.

§. escravo rebelde

assim de tanto querer,
é que o corpo se contrai numa titânica
luta contra as amarras que prendem as mãos,
convulsão percorrendo cada veia, músculo, sêmen
buscando a liberdade de procriar alegrias outrora
sentidas (ou vistas alhures), gosto permanecido na língua,
ou coluna adornada na memória sustentando a vontade
de liberdade, por isso o desespero de vida, ansiando
a orgia de um sol, qualquer lua de inocente quermesse
possibilitadora de adormecer pelo cansaço,
e no outro dia, quando da labuta, esquecer a fábula.

SANT'ANA, A VIRGEM E O MENINO, DE DA VINCI

O conhecimento que fende o espírito pelo meio
Murilo Mendes

Assim como se fosse possível figurar
o estado de tranqüilidade que precede um tempo
em que as estações dolorosas se sucederão.

Sant'Ana abandonou o livro e os ensinamentos,
também a roca e as ramas,
para mergulhar no lúdico da paisagem,
para sentar na pedra e ter Maria no seu colo,
enquanto o Menino amanha o pequeno carneiro.
Agora a aprendizagem é uma festa pueril
dos sentidos.

Como se fosse assim, não predizer o anterior
momento do fracasso da fortuna,
mas dizer da fragilidade das fronteiras,
quando se trata do humano e suas circunstâncias.

As mulheres sorriem como só no presente,
é possível. O presente em sua inteireza, bloco
de graça. Nenhum arcano do futuro. Opulento ser.

Que oráculo tão poderoso poderia adivinhar?

O PINTOR FRANCIS BACON NO ESPELHO

Um corpo é um ex-voto
de uma promessa não
cumprida.

Nenhum corpo apura
exato contorno,
medida.

Pagas de preços, pres-
tações de auroras
fingidas.

Anteparo do espírito,
blindagem modelada,
corrigida.

Um corpo é um grito
surdo e sem acolhimento,
contido.

**A PAIXÃO DOS CORPOS SEGUNDO
FRANCIS BACON**

A parte material, animal,
ou a carne, do ser humano,
por oposição à alma, ao
espírito, retém quase só

um grito voraz de dor,
expresso em boca que
se abre em duradouro
sopro de objeto que

sentiu um prazer como
resposta aos litígios da
erótica indecisão de
ancestralidade imersa

em amorfo e permanente
serpentear de gotas, suores,
nervos rijos de perversa
solicitude. Obrigatória.

Os riscos de giz branco
aprisionam cores de
vestimentas que recobrem
sua sem cores, sem sabor.

O corpo não diz do seu
valor, contenta-se em
anunciar seu estado de
objeto, menos de tenaz,

três quartos de submissão,
e o todo, em tomos esquizo-
frêmitos, de sensações de-
sagradáveis, variável em

intensidade e em extensão
de localização, produzida pela
estimulação de terminações
nervosas especializadas em sua recepção.

O TÚMULO DE OSCAR WILDE

A esfinge dorme com as asas
suspensas coladas no monólito.

E pensa: « como me sou de bruta
pedra respirando, exposta à toda

eternidade, sendo vista, interdita
de dizer o que penso do mundo.

Isto pouco me interessa, de páginas,
de ensaios que aspergem louros,

inscrevendo um nome nos compêndios
de história da literatura, distribuindo

fotografias em requintes de dândi.
Verdade tardia de cinzas mornas,

revelações do que sofri em óbvias
penitências. Desse tempo, obrigado,

permanecerei de olhos lacrados e não
consigo enxergar mais do que o interior

do granito cinza de que sou realizada ».

A MORTE DE SARDANAPALO, DE DELACROIX

A tranqüilidade de quem aceita a morte,
não por tê-la como horizonte,
mas como espécie de alívio,
como se toma uma oportunidade
no acaso trazida e, depois daquele
momento, até parece fazer parte do que
vinha com o nascido, de tão familiar.

Deitado em seu leito último,
ladeado de ouros, eunucos e infantes,
Sardanapalo aguarda o fogo
(no fundo, a cidade já se desfaz em chamas)
com prodigiosa calma
de quem cumpriu um luto antecipado,
nada lamenta.

Não por retóricas de fatalidades.
Conversas pejadas de axiomas,
filosofias, didáscalias, atalhos mais simples
dos sem roteiros, covardes
que simulam alianças com o sagrado.

Ciente do efêmero, repousa sobre as certezas
do que a vida pode oferecer a um homem,
que a tudo provou sem medo.

AFRESCO *JACOB E O ANJO* NA IGREJA S. SULPICE

Sei que não é dessa luta que o tempo
outorgará minha morte.

Sei do meu esforço de sentinela e de
infante ao mesmo tempo.

Sei muito bem que a armadura e as
armas não me pertencem.

Sei que de fora a fora, permanecerei
combatendo minha alma.

Sei do titânico, inglório, amargo, que
é derrotar a si próprio.

SUMÁRIO

São Jerônimo
Retrato de Murilo Mendes na pg. 4 das *Obras Completas*
Solilóquio do falso Drummond
Peleja interior de Virgulino Ferreira
O brilhante de Jesuíno
Desafio entre o medo e a coragem
O vulgar de uma história ou o amor é assim mesmo
Reparando o poeta Bruno Tolentino
Relendo Orides Fontela
Páginas do diário de Ana Cristina César
Ouvindo *Marcha da quarta-feira de cinzas* com Nara Leão
Lendo o capítulo X de *Repouso* de Cornélio Pena
Clarice Lispector no Grande Hotel, 25.07.44
Memórias apócrifas de Zila Mamede
O Horto da poeta
A terceira guerra de Paulo de Tarso
O poeta Francisco Ivan sobe a pé a Serra do Lima
Notas do caderno de campo de Joaquim Cardozo
Sapho de Lesbos: variações
Os centauros
Fernando Pessoa aos quarenta anos
São João da Cruz
Pensión Salomé
De Madri a Sevilha
A catedral de Sevilha
Saeta para N. Sra. de la Esperanza (Macarena)
São Miguel da Igreja do Julgamento

Elegia para Granada
As estátuas jacentes dos reis católicos
Os desenhos de Lorca
Os manuscritos de Garcia Lorca
Outono em Cordoba
Notícias de Algeciras
Apócrifo de Miguel de Unamuno
Contemplação de Fez
Chuva de outono em Fez
Ouvindo *Al Atlal* com Oum Kalsoum
Num táxi entre Fez e Rabat
Tríptico de Sainte Geneviève
Fontaine Saint Michel
Passages - Offering (by Ravi Shankar)
Ragas em minor scale (by Philip Glass)
Adeus, Paris
Nova canção do outono
Três viagens de Rimbaud - De Charleville a Paris
De Paris a Aden
De Aden à Abissínia
No túmulo de Paul Verlaine
Cismas de Ezra Pound
Os escravos de Michelângelo, no Louvre
Sant'Ana, a Virgem e o menino, de Da Vinci
O pintor Francis Bacon no espelho
A paixão dos corpos segundo Francis Bacon
O túmulo de Oscar Wilde
A morte de Sardanapalo, de Delacroix
Afresco *Jacob e o anjo* na Igreja Saint Sulpice

BIBLIOGRAFIA

FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, tecelão de mitos*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

CD *Passages*. Ravi Shankar and Philip Glass. BMG Ariola, 1990.

Novo dicionário básico da língua portuguesa FOLHA / AURELIO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Nota para ser posta abaixo da fotografia na 2ª orelha

Márcio de Lima Dantas nasceu em Patu, alto sertão do estado do Rio Grande do Norte. Mestre em literatura comparada, doutorando em Ciências Sociais na Sorbonne, professor de literatura portuguesa e brasileira da UFRN, ensaísta e tradutor, verteu para o francês a obra da poeta Orides Fontela.